



Hernâni Bettencourt*

Discursos

Assisti, como é hábito, à sessão solene de celebração do 25 de Abril na Assembleia da República. Sessão que ficou marcada na véspera por declarações deploráveis, no que concerne a juízos de ordem pessoal de Sua Excelência o Presidente da República relativamente ao anterior e atual Primeiro-Ministro, e também politicamente polémicas, no que respeita ao funcionamento da Procuradoria Geral da República e à história colonial de Portugal. Marcelo decidiu, um dia antes da exaltação dos 50 anos de Abril, ser o elefante numa loja de porcelana.

As reações, da esquerda à direita, foram imediatas e, como era de esperar, tiveram eco no dia seguinte. Era isso que estava à espera quem, no dia anterior, ouvira André Ventura falar em “traição à pátria” e que “se houvesse, em Portugal, um processo de destituição da Presidência da República, o Chega não hesitaria em começa-lo.” E assim foi.

O CDS, o IL e o Chega disseram, sem ser nas entrelinhas, o que entendiam das palavras do mais alto magistrado da nação relativamente ao passado imperialista e colonialista e não só... E destas intervenções, goste-se ou não, há que destacar o discurso (não escrito) de André Ventura. Foi, indiscutivelmente, um dos grandes discursos do dia. André Ventura é um tribuno de excelência. Marcelo deu-lhe diversos trunfos.

E, como era expetável, Ventura aproveitou ao máximo o tempo ao seu dispor para brilhar. Ventura não discursou para os comentadores ou analistas políticos. O destino da mensagem de Ventura era outro. E

temo bem que, a cada intervenção disparatada de Marcelo, haja cada vez mais destinatários da mensagem. O outro grande, grandíssimo, discurso do dia da Liberdade foi feito por Rui Tavares. O Deputado Rui Tavares, goste-se ou não da forma ou estilo, é um dos parlamentares melhor preparados para o cargo que temporariamente desempenha. O seu discurso fez jus, mais uma vez, à qualidade que lhe reconheço. Mas se estes dois discursos marcaram a sessão, houve outros de que não retive nada de relevante. E confesso que esperava bem melhor do que ouvi da esquerda mais à esquerda até ao centro esquerda.

Foram intervenções para cumprir calendário. Discursos redondos, com chavões e com a habitual divisão entre bons e maus. A sessão discursiva fechou com a intervenção do Presidente da República. Marcelo, qual professor de História, procurou reparar o terrível estrago feito na véspera através de um figurado abraço da esquerda à direita. Marcelo quis, no fundo, dar uma lição de História.

Confesso, com o respeito institucional que o cargo ainda me merece, que já não estou para lições do Professor Marcelo. Desejo apenas, com total sinceridade, que leve o mandato até ao fim com a dignidade possível e, preferencialmente, sem muitos microfones na sua frente.

*Jurista



António Simas Santos

25 de Abril

Paradoxalmente é, nos 50 anos do 25 de Abril, que eclode um grande solavanco na nossa vida democrática e se vivem, de forma intensa, cenários de instabilidade política e ingovernabilidade. Os dois grandes e tradicionais partidos portugueses vêm, pela primeira vez, posta em causa a sua hegemonia tradicional.

O advento, muito significativo, de uma terceira força que se denomina de anti-sistema e se posiciona como alternativa aos partidos tradicionais do centro e da direita em Portugal. Partido que critica o xadrez político actual e busca atrair eleitores descontentes com o designado sistema.

E, facto, tudo isto acontece porque os partidos tradicionais escancararam as portas à demagogia e ao populismo e se esqueceram, entre muitas outras coisas, dos jovens deste país que nasceram já em pleno Portugal de democrático. Jovens para quem a simbologia do 25 de Abril e os apelos à liberdade cheiram a bafio a e a velho.

Para quem sempre viveu em liberdade é muito difícil perceber o que foi a ditadura salazarista e o país capado que era Portugal. Um país triste, austero, analfabeto e profundamente miserável que fazia questão de fazer crer que era o melhor dos mundos e não a cauda da Europa que realmente era.

Algumas das principais bandeiras do populismo incluem a segurança pública, a luta contra a corrupção, o combate à imigração ilegal e a defesa dos valores tradicionais portugueses. Bom como uma postura firme em questões relacionadas à justiça criminal e à imigração.

Sendo certo que muitas delas existem de facto, mas que nunca mereceram o devido e integral cuidado de quem governou Portugal até agora. Só assim se percebe o surgimento exponencial de um partido fundado, apenas, em 2019!

Sendo este aniversário de ouro de democracia portuguesa, um excelente momento para se perceber o que levou à actual situação que só poderá ser invertida se os partidos tradicionais e fundadores de democracia fizerem uma verdadeira autocritica colectiva.

Perceber que Portugal enfrenta disparidades significativas e oportunidades

entre diferentes grupos sociais e que a desigualdade socioeconómica persistente é um problema que afeta a coesão social e o desenvolvimento equitativo do país.

Perceber que, apesar dos avanços económicos nas últimas décadas, o desemprego e a precariedade laboral ainda são desafios para muitos portugueses, especialmente os jovens. A falta de empregos estáveis e bem remunerados contribui para a instabilidade financeira e a emigração de talentos.

Perceber que o SNS enfrenta desafios relacionados à acessibilidade, qualidade e sustentabilidade. A falta de recursos, longos tempos de espera e desigualdades no acesso aos serviços de saúde são preocupações importantes para muitos cidadãos.

Perceber que o mercado imobiliário em Portugal enfrenta pressões devido à especulação, turismo e aumento da procura interna. Com aumentos significativos nos preços da habitação, tornando a compra ou aluguer de moradias inacessível para muitas pessoas e contribuindo para a gentrificação em algumas áreas urbanas.

Perceber que corrupção continua sendo uma preocupação na sociedade portuguesa, afetando a confiança nas instituições públicas e minando a integridade do sistema democrático. A transparência e a prestação de contas são questões-chave que exigem atenção contínua.

Perceber que Portugal enfrenta o desafio do envelhecimento da população, com uma proporção crescente de idosos em relação à população total. Isso coloca pressão sobre os sistemas de seguridade social e saúde, além de demandar políticas para garantir o bem-estar e a inclusão dos idosos na sociedade.

Perceber que a migração internacional continua a ser uma questão importante em Portugal, com desafios relacionados à integração de imigrantes, combate à xenofobia e garantia de direitos humanos para todos os residentes, independentemente da sua origem.

Perceber e mudar.

Esse sim, será, na realidade, o melhor contributo e homenagem que podemos prestar ao glorioso 25 de Abril que estamos a celebrar.